

VOU-ME EMBORA PRO SERTÃO

NONATO FREITAS

Qualquer dia pego um trem
e vou-me embora pro SERTÃO!

Sentado do lado azul da janela,
irei bebendo o mel que as abelhas
de minha terra roubavam
das pétalas da fulô de Mussambê!
Quando o trem anunciar o sinal de partida,
sentirei um abalo sísmico
trovejar no fundo do peito,
estação onde guardamos as roseiras com seus pontiagudos espinhos.
Peguei das lupas para ouvir
nas brumas os pregões
de Dona Dudu.
Gentil senhora de olhos mansos,
a quem há pouco dei quinhentos réis
em troca de um pão-de-ló,
a prenda mais cobiçada da Telha.

Neste dia, deletarei todas
as lembranças ruins.
Apagarei da memória todas as dívidas.
Quebrarei todos os códigos.
Queimarei todos os computadores
e lançarei no lixo todas as lendas
contadas sobre REIS E RAINHAS.
Histórias para enganar nossas cabeças de vento.
Histórias de MULAS SEM CABEÇA!

No meu trono, enquanto
O apito do trem desperta a rubra
barra que rompe no infinito,
rasgarei todas as contas de luz,
tocarei fogo em todos os cartões de crédito,
inclusive naquele que AUREOLOU de vaidade
meus sonhos de pequeno burguês...

Viajarei com uma infalível máquina
de triturar o CONCRETISMO..
Nada de versinho de pé quebrado.
Nada de charadinha de mau gosto.
Nada de GRUPILHOS que andam
a desconstruir o remanso dos versos!
Estou cansado dessa xaropada.

A linguagem piolhenta de certos pavões , que não olham para os pés, esconde o cheiro do sertão!

O brilho da Rabeca de ADERALDO,
O CEGO que fez com suas cantigas
os moinhos gigantes das pedras do Quixadá
dançarem sob as estrelas na beira do Cedro.
O Vaqueiro de Cordisbugo tinha razão!

Viajarei na janela pescando estrelas!
E ao romper do dia, tocarei
a barra que adivinha chuva!

Nas tardes de fogo,
espiarei o céu

na busca em vão
das arribações de minha meninice!

Quando criança,
eu as acompanhava
em bandos pelos tabuleiros do céu!
Cá embaixo, rente ao trem,
o Cancão de Fogo,
nossa gralha nordestina,
gritava
por dentro do juremal!

CAFÉ COM PÃO
CAFÉ COM PÃO
CAFÉ COM PÃO

Por vezes vejo Bandeira,
IRENE PRETA ao seu lado.
Os dois banhados de estrelas,
Cantando um Mourão Voltado!
Tudo bem feito e bonito!
Tudo bem metrificado!
E numa nuvem de fogo,
Jesus descendo avexado,
pedindo aos dois que cantassem
Um MARTELO AGALOPADO!

Quando o sol da manhã bater na janela do trem
trazendo o cheiro de velame para minhas narinas,
lembrarei com desprezo das HIENAS!
Elas carregam no bolso interno

de seus finos ternos
o PHD da rapinagem,
garrote vil que estrangula
as migalhas dos miseráveis.

Enquanto o trem galopa nos tabuleiros de
Quixeramobim,
verei lá embaixo, o coração rasgado em êxtase,
a lavadeira queimada de sol
quarando a vida na beira do rio.

Quando a Maria-fumaça estalar o apito
e apertar os freios na curva do Julião,
eu saberei que cheguei em casa.

Já não serei o mesmo homem
nem os rios que atravessarei serão os mesmos!

De manhã irei correndo para a feira.
Comer quebra-queixo.
Cocada preta de gergelim.
Alfinim puxado à mão.
Me lambuzar com as cantigas
dos canários da terra,
amarelinhos como gema de ovo!

Devem de estar cantando no torreamo branco
De Senhora Santana!
Irei bater na porta do Correinha..
Conversar com seu Ramiro.
Perguntar pelo Macuíca.

Saber de Antônio das Neves.

Do Baú.

De Nenen Meu Bem.

Saber dos meus doidos!

Não esquecerei de passar na rua da Cadeia.

Quero ler de novo para o preso Vicentão

O cordel do Pai dos Pobres.

Depois tomarei banho de rio.

E fartarei os olhos com o Jaguaribe comendo as barreiras
do Bugi.

Ouvirei

a porteira rangendo

na solidão da tarde.

Entao, entrarei no cercadinho

e montarei em Sete-de- Ouros.

O burrinho pedrês que salvou Francolim de morrer afogado na travessia do Córrego da Fome.

Passarei em frente à Casa Grande

e verei a fartura de comidas..

Os tachos abarrotados na festa

de casamento da

filha do coroné.

Na tapera ao fundo

crianças famintas

estarão disputando com as ratazanas

restos de tjubina frita

migalhados pelo chão!

Na Casa Grande
um Sabiá arranca da garganta
a flauta de ouro
do seu canto!

Os suspiros do pássaro
embriagam de emoção
até os retratos pendurados nas paredes da casa.

No casebre dos SEVERINOS
a fúnebre Acauã
veio pousar.
Na tipoia suspensa
do mocambo.
Severina
agoniza.

Enquanto o SABIÁ solta
a voz na Casa Grande
a menina suspira.

Severina mira fixamente
os olhos moribundos na vela acesa em sua mão mirrada.

E ouve pela última vez o canto triste da Acauã.
Os pios fúnebres ferem o seu coração em pânico!

CAUÃ, CAUÃ, CAUÃ!

De noite vou ver as estrelas.

Pegarei uma pequena rede de pescar --

uma tarrafinha dessas qualquer --

e a lançarei deitada sobre as vistas.

De papo pro ar,

na beira de uma lagoa, enquanto converso com as estrelas,

passarei a noite ouvindo a saporada cantando no fundo das águas.

Duas barcas estarão atracadas na beira do lago.

Contemplarei os astros afogados dentro d'água.

Então, pedirei licença ao Olimpo e escreverei este soneto:

Espero que você, amante de Petrarca,

do Boca do Inferno—artista do Barroco.

Perdoe este poeta, insosso, e sem a marca

do canto iluminado. Eu canto muito pouco!

Nas trevas sobre o NADA, errante e quase louco,

Me vi tonto e perdido, eivado sobre a BARCA.

O olho intoxicado, aceso, e quase mouco,

não vi que à minha frente, arteira, estava a parca!!

Um olho na Serpente, atento! No barqueiro

o outro introjetado; augusta paz descia

à barca calma e santa, altiva do guerreiro!

Foi quando, então, gritei à Virgem Mãe tão Pia:

Me salva do inferno, ó Santa Virgem Amada!

Me salva deste fogo, em nome da Poesia!